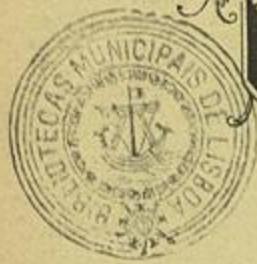
OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios)	5$000	2$500	-$-	-$

30.º Anno — XXX Volume — N.º 1035

30 DE SETEMBRO DE 1907

Redacção – Atelier de gravura – Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

Chronica Occidental

Á hora em que esta escrevo, vem o *Africa*, que transporta o Principe, já singrando, talvez, aguas de Portugal.

A antecedencia com que para um jornal de gravuras teem de ser compostas estas chronicas não nos permitte, muita vez, esperar o acontecimento da decada, e quantos ridiculos, ás vezes, para os que se deitam a adivinhar! Para o futuro numero, se ainda vier a tempo, daremos conta da recepção.

Sabios previram temporaes para estes dias, mas tambem elles se enganam.

No ultimo telegramma enviado de Cabo Verde pelo ministro da marinha, dando conta da recepção, que ao Principe fôra feita na capital d'aquella ilha, final estação do itinerario, referia-se o sr. Ayres de Ornellas a toda a viagem de que foram as ultimas festas uma verdadeira chave de oiro.

Por umas horas está a chegada ao reino. A chave de oiro não foi em Cabo Verde. O Principe encontrará a sua terra em verdadeiro jubilo pelas noticias que de Africa vieram, d'essas terras por onde elle, em tantos pontos, melhor diremos em cada ponto que percorreu, tantas memorias gloriosas foi encontrando.

Grande pena é que o Principe não desembarque em Lisboa e que, depois da recepção no Arsenal, torne a sahir a barra, no *yacht Amelia*, em direcção a Cascaes. Poderia ler em muitos rostos uma alegria, como, ha muito, não sentiam portuguezes.

Telegrammas chegam do paiz inteiro narrando o enthusiasmo despertado por tamanha victoria, definitiva e rapida, de que muitos, e com razão, descriam. Maior gloria, por isso mesmo, foi esta para o commandante da expedição e soldados que n'ella tomaram parte.

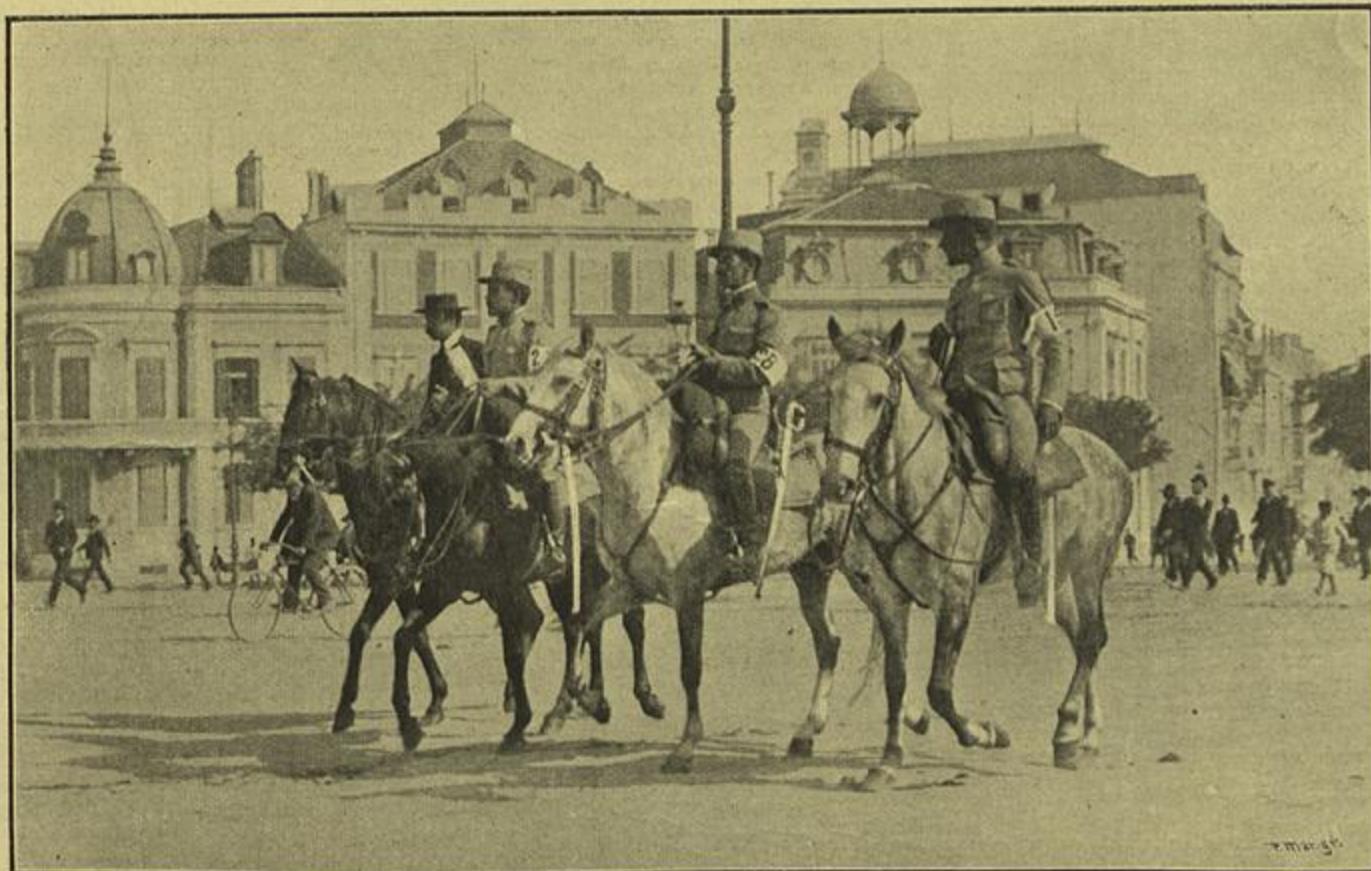
No dia 24 de manhã o governador geral de Loanda mandava ao presidente do conselho o telegramma seguinte: «Tomada a embala do Cuamato. Cheio da maior satisfação, cumprimento El-rei, paiz e governo. A columna, tendo abastecido o posto do Domiguero, proseguiu a marcha no dia 20, supportando o fogo durante algumas horas. Em seguida, bivacou em Luindo. Proseguiu em 21, já com a resistencia diminuida, mas ainda atravez de tiroteio. Finalmente em 22 penetrou na embala, encontrando-a queimada e os restos calcinados dos despojos de 1904. Sobre ella está-se construindo uma fortaleza, que o governador Roçadas pede se chame D. Luiz de Bragança. Perdemos dois officiaes e uma praça europeia, havendo vinte e seis feridos e quatro gravemente. O commandante e a columna felicitam El-rei, o paiz e o governo.»

Noticias posteriores e um telegramma do proprio, glorioso commandante da columna confirmam e certificam a victoria, mais uma grande gloria para as nossas tropas, vingança d'uma offensa que os pretos nos haviam feito, resposta aos que ultimamente nos hão menoscabado na imprensa estrangeira.

Algum oiro deve o feito ter custado; mas pouco importaria, se não fosse tanto o sangue que tambem custou. E os corações que sentem perguntam se não haverá melhor maneira de assegurar em Africa a nossa posse.

O sr. Vasconcellos Porto, ministro interino da marinha, já telegraphou para o sr. governador geral de Angola, pedindo-lhe com a possivel brevidade a relação dos mortos.

Quantos choram a estas horas na mais cruel das

O «Raid» Hipico

PARTIDA DOS CAVALEIROS DA AVENIDA DA LIBERDADE — VID. CHRONICA OCCIDENTAL

(Fotografia do sr. Alberto Lima)

anciedades! Uns soldados mortos, diz o telegramma, uns feridos gravemente. Mas quem?

Dos dois officiaes, que succumbiram nos ultimos combates, já o telegrapho nos enviou os nomes. Foram os alferes Prats, da companhia de equipagens, e Augusto Maria do exercito ultramarino.

Ainda com os corações a baterem de enthusiasmo, mas, talvez, com algumas lagrimas correndo-lhes pelas faces sujas de poeira e de polvora, tiveram os soldados de abrir as covas, em que os cadaveres dos valentes officiaes fiquem livres das feras famintas, que, á noite, uivam n'aquellas charnecas aridas.

As grandes glorias militares não se obteem sem que se pague algum tributo á morte. Pobres dos que morrem!

No dia 25 fez tres annos que se deu o desastre no Cunene O pae do valente official João Roby mandou, na egreja dos Martyres, resar uma missa por alma do que pela patria morrera. Havia pouco mais de meia duzias de horas que o supplemento ao *Jornal da Noite* annunciára a victoria á população de Lisboa.

Alguma vez, uma noticia jubilosa havia de nos distrahir da politica. Pois grandes novas não faltam e interessantes entrevistas publicadas pelos jornaes. As mais importantes foram as dos srs. José Luciano de Castro e Augusto José da Cunha, que fizeram declarações já reproduzidas por todos os jornaes politicos.

Os progressistas reunidos em casa do sr. José Luciano de Castro, além de outras deliberações que tomaram, resolveram, por unanimidade, que nenhum dos marechaes progressistas, sem obrigações de seu cargo, fosse á recepção do dia 28, na sala do Risco, depois da chegada do Principe. Ficou tambem decidida uma convocação geral do partido.

Fala-se em crise; mas parece não dever dar-se grande credito aos boatos que, affirmando a sahida do sr. Luciano Monteiro, que seria substituido no ministerio dos negocios estrangeiros pelo sr. Ayres de Ornellas, dizem ser chamado para tomar conta da pasta da marinha o actual governador geral de Moçambique, sr. Freire de Andrade.

Digna de nota tambem pela sua importancia politica é a circular publicada em muitos jornaes, em que grande numero de influentes regeneradores, em perto de cem concelhos do paiz, reconhece a conveniencia de, na eleição do chefe do partido, intervirem os elementos eleitoraes e de publicidade, e recommendam a candidatura do sr. Teixeira de Sousa.

Muito se fala do que se está passando dentro de bastidores, n'esta lucta entre dois rivaes, nomes de primeira ordem na politica. Não são os portuguezes jogadores, que não faltariam apostas, d'um lado e outro havendo muitó bons trunfos para a partida.

Faltando as roletas nas praias — se acaso faltam — e sendo demorado o desenlace d'este combate politico, a alguns terá servido para matar o vicio, apostas que façam sobre o *raid* hippico, promovido pela *Illustração Portugueza*.

Já alguns cavalleiros da primeira secção, depois de percorrerem os trezentos e tantos kilometros, que vão d'aqui até ao Porto, entraram na provincia de Traz-os-Montes, na da Beira Alta e da Beira Baixa, e, á hora em que este jornal se publique, estarão talvez na do Alemtejo.

Boas novas teem vindo quasi sempre d'esta rapida viagem. Apenas dois concorrentes adoeceram: o alferes Sousa Namorado e o tenente Sousa de Azevedo. O alferes Gonçalves Cabral, n'uma pequena desordem em Lamego, á chegada dos cavalleiros, foi attingido por uma pedra, que o feriu levemente. O interesse é geral por esta corrida perfeitamente organisada.

Com egual enthusiasmo se vae realisando o *raid* para a 2.ª secção, na qual apenas entraram oito cavalleiros, que sahiram de Lisboa debaixo d'uma das maiores cargas d'agua de que ha memoria. Tal foi ella, que todos chegaram a Torres Vedras, talvez menos cheios de carnes, mas muito mais pesados do que haviam sahido de Lisboa. Ensopados como esponjas.

Foi tremenda a trovoada que desabou sobre a cidade, onde muitas faiscas electricas cahiram, não havendo desastres pessoaes. As inundações é que foram causa de muitos prejuizos, havendo muros e casas que vieram abaixo com a força das aguas. O Aterro era um verdadeiro lago, bem como o largo de Alcantara.

O verão foi-se, e realmente estes ultimos dias de calor intenso não teem que deixar saudades.

Está chegado o outomno, com suas tardes mais frescas, mais amorosas, derramando paz.

Verte-a o céo sobre a terra, e Deus queira que tanto azul e oiro, como o desejamos aos felizes que ainda o estejam gosando á beira-mar, nos possa e nos sirva um bocadinho mais do que para uma estafada figura de rhetorica.

João da Camara.

O CANTO DO SINO

(Da «Lyra Germanica»)

(Schiller)

(Excerpto)

Agora, a fôrma, parti-m'a;
Já tem os seus fins preenchidos;
E p'ra que a alma e os sentidos,
A alegria tenham, lidima,
Dos milagres promettidos.

Brandi o malho, brandi-o!
Brandi, brandi o martello,
Até que da argilla o vélo,
Em estilhas
O sino deixe de pé!
Pois só co'a fôrma annullada,
E' que da obra moldada,
Se dá fé.
E bem póde o mestre parti-la,
Bem a tempo, e mão certeira,
P'ra que p'las fendas da argilla,
Fervente, a liga, traiçoeira,
Sem que o espere, o não engane,
E em brava furia espadane.
Quando a força á tôa impéra,
Nada moldar-se se póde,
Nada ha de bello na terra;
Tal assim, se o povo acode,
Da liberdade á defensa,
E elle proprio á força a implanta:
A arvore do Bem, a não planta,
Mas a da anarchia mais tensa.

Das capitaes no seio, onde o povo pullula,
Se as scentelhas da ira, de ha muito accumuladas,
As chammas da anarchia accendem, condemnadas:
O povo, esse cordeiro, é já féra que ulula;
Arranca de um só golpe as immortaes cadeias,
Despeja na revolta o sangue que ha nas veias,
E o proprio sino humilde, á mansidão sagrado,
Assume em seu rebate, a voz de um revoltado.
«Liberdade! Egualdade!» se brada a cada canto;
Em armas pêga o operario, o povo, o cidadão;
Nas ruas, pelas praças, uivante, a multidão,
Sahindo dos tugurios lá surge por encanto.
Vêem-se, rondando, visagens de assassinos,
Emquanto no rebate se vão extorcendo os sinos.
As mulheres, antes hyenas, e rindo ás gargalhadas,
Retalham do tyranno o corpo ás navalhadas.
Já nada resta sancto, nada impolluto, ou casto,
E os crimes vão á solta, em seu poder nefasto.
Medonho é certamente o dispertar da féra;
As garras, temerosas, do tigre ou do leão;
Mas mais medonho ainda, o atro furacão
Da insania dos humanos, á solta pela terra
São nossos ideaes, nossos peiores tyrannos...
Ai dos que ao cego, ao eternamente cego,
O facho da Verdade um dia queiram dar!
Se luz é a Verdade, é luz de tal brilhar,
Que em vez de o esclarecer, o irá fundir no pégo.

Alexandre Fontes.

Viagem de S. A. o Principe D. Luis Filipe ás Colonias

XVI

Para commemorar a visita do Principe Real a Mossamedes, publicou o governo um decreto elevando esta vila á categoria de cidade, com a data de 30 de agosto, dia em que Sua Alteza ali deu entrada.

Justa distinção foi esta concedida á vila de Mossamedes como premio á colonia que tanto tem trabalhado para se desenvolver sabendo aproveitar bem as condições favoraveis do seu clima e do seu solo, dos melhores e dos mais ferteis de Africa. Situada ao norte do distrito de Benguela, defrontando a oéste com o vasto oceano e cortada ao sul e a léste pelos rios Cunene e Cubango, tem um excelente porto de mar formado pela bahia, denominada Angra dos Negros, entre a ponta do Noronha ao sul e a do Giraul ao norte.

Mossamedes foi por muitos annos presidio de degradados havendo apenas ali uma feitoria de um português de Benguela; mas reconhecendo-se a salubridade do seu clima e fertil terra, tratou então o governo de fundar ali uma colonia, estabelecendo para esse fim relações de comercio com os sobas Mussango, Quiatema e Giraúlo, os quaes as aceitaram em 13 de agosto de 1840, no reinado de D. Maria II.

A colonia estabeleceu se subsidiada pelo governo, com portuguesês idos de Pernambuco a bordo da barca *Tentativa Feliz* e do brigue *Douro*, dirigindo a expedição Bernardino Freire de Figueiredo Alves e Castro, a qual chegou a Mossamedes a 4 de agosto de 1849. Não deu, porém, resultado esta expedição, porque a época em que ali chegaram os colonos não era favoravel ás culturas, e não tardou que estes se vissem a braços com a fome e sem outros recursos.

No anno seguinte foi nova expedição de colonos, tambem de Pernambuco, dirigida por José Joaquim da Costa, mas não foi melhor sucedida do que a primeira, pois lhe faltou a proteção do govêrno, o que obrigou os colonos a tomarem outros destinos; entretanto aquelles que se conservaram na terra, lutando pela vida, foram os benemeritos fundadores da colonia que hoje floresce.

A cidade de Mossamedes é a capital do distrito do mesmo nome, que se compõe de seis concelhos: Mossamedes e as propriedades agricolas do Euróque, S. Nicolau, Carunjamba, etc. As pescarias de Porto Alexandre e bahia dos Tigres; Bombo, composto de Capagombe, Bibala, Munhino, e a baixa da serra Capagombe; Huila com a missão da Chibia Palanco; Humpata com a colonia Sá da Bandeira, no Loango; Gambos e Humbe.

As ruas de Mossamedes são bem alinhadas, como as das cidades modernas, espaçosas e guarnecidas de palmeiras, assim como as praças e jardim, o que lhe dá agradavel aspeto em extremo pitoresco. Tem um bello caes e ponte de embarque, alfandega, estações do correio e telegrafos, de caminho de ferro, direção de obras publicas, quartel de tropa, escola, paços do concelho, hospital, cadeia, uma fortaleza denominada de S. Fernando e egreja na parte alta da cidade.

Tem 450 fogos e cerca de 7:000 habitantes, sendo uns 1:000 brancos que se dão bem no seu clima.

O movimento comercial de Mossamedes atingiu em 1906, mil e quinhentos contos, indo em progressivo aumento, elevando-se as receitas publicas a cem contos de réis, de que tres partes são rendimentos da alfandega.

Todo o distrito de Mossamedes é essencialmente agricola, em especial o planato da Huila, onde o trigo produz 24 sementes.

Esta circunstancia podia constituir o distrito de Mossamedes um celeiro de reserva para a mãe patria, onde, infelizmente, falta este precioso cereal, que tem de importar da America e pagar em bom ouro.

Abilitar Mossamedes a desenvolver a sua cultura, garantindo-lhe a exportação para a metropole, não seria medida de grande alcance economico para as duas partes?

Não será tempo dos governos atenderem a estas questões de capital interesse?

Ahi teriamos já um resultado pratico da viagem do Principe Real, se Sua Alteza na visita que faz a esta importante colonia podendo apreciar os produtos agricolas daquela região, em que avultam os cereaes, influir no governo para serem decretadas medidas no sentido que deixamos exposto.

Seria isto a coroação das festas com que a patriotica colonia recebeu Sua Alteza, recepção condigna, por parte das autoridades e pelo povo, em que não faltou entusiasmo para aclamar o herdeiro da corôa de Portugal.

XVII

No dia 5 do corrente desembarcava Sua Alteza no Cuio e seguia em carro para o Dembe Grande onde visitou a importante propriedade agricola Sousa Lara, e ali almoçou. Nesse dia visitou tambem a propriedade Castanheta onde jantou e pernoitou.

No dia 6 foi em *decauville* á propriedade Praia Grande embarcando depois no *Adamastor* e chegando a Benguela ás 9 horas da manhã.

Ao desembarcar nesta cidade foi Sua Alteza recebido com entusiasticas aclamações pelas autoridades e população até á casa do governador, onde deu recepção á Camara Municipal, Associação Comercial, negociantes e pessoas mais importantes da colonia.

Viagem de Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe ás Colonias

UMA VISTA DE BENGUELA
(De Fotografia)

A cidade de S. Filipe de Benguela é das mais antigas da Africa do Sul, pois foi fundada no governo da regente D. Catarina, na menoridade de seu neto D. Sebastião, para o que se conquistou o país aos indigenas, que eram indomaveis e aguerridos e com os quaes os portuguêses tiveram de sustentar custosa guerra por muitos annos, impedindo o desenvolvimento da cidade que estes queriam fundar.

Disto se recentio por muito tempo Benguela na deficiencia de suas edificações, que só mais recentemente se tem desenvolvido, com a construcção de um palacio do governo, hospital, alfandega, etc.

A cidade estende se por uma grande planicie, sobre a bahia de Santo Antonio, ou das Vácas, em 12° e 34' de latitude Sul e 13° e 22' de longitude Este de Greenwich. E' hoje a segunda cidade da provincia de Angola, e o seu distrito divide-se nos concelhos de Dombe Grande e Dombe Pequeno, Novo Redondo, Egito, Quilongues, Catumbella e Caconda.

Oferece um bom porto de mar para a navegação, sendo ponto de escala dos vapores da Empresa Nacional, e é importante seu comercio de produtos da agricultura do distrito que é fertil e abundante tambem em cereaes e gados, sendo uma das colonias em que, apesar de numerosa, se vive mais barato.

Possue tambem muitas minas de metaes, mas não exploradas.

Em Benguela Sua Alteza visitou varias propriedades agricolas, assim como foi visitar as obras do caminho de ferro do Lobito, onde teve festiva recepção pela Empresa, indo acompanhado pelo coronel sr. Joaquim José Machado, distinto engenheiro, e que foi o portador de uma placa lavrada em prata, commemorativa da visita do Principe Real ás obras daquelle caminho de ferro e oferecida pela Companhia a Sua Alteza. Esta placa é uma obra de arte, executada nas oficinas dos joalheiros da Casa Real sr. Leitão & Irmão, de Lisboa. Mede 42 × 33 cent., sendo de fórma elegante, como se vê pela gravura que publicamos, e representando uma paisagem africana, nas margens do Catumbela, vendo se ao fundo a ponte *D. Luis Filipe* onde uma locomotiva vae prestes a passal-a. No primeiro plano um engenheiro, sentado numa pedra, desdobra sobre os joelhos um mapa de Africa e nelle indica o logar onde passa a ponte, a um africano que está a seus pés. Decoração de palmeiras contornam os lados da placa e o escudo de armas reaes, em ouro, remata a parte superior, lendo-se nesta a seguinte dedicatoria:

Lembrança oferecida a Sua Alteza o Principe Real por ocasião da sua visita ao caminho de ferro de Benguela, realisada em agosto de 1907. Pela Companhia.

Na parte inferior está a seguinte inscrição.

Ponte Luis Filipe sobre o rio Catumbela inaugurada a 21 de março de 1905.

Este trabalho de novidade na nossa oriversaria moderna, foi deliniado pelo sr. João da Silva, artista que completou a sua educação no estrangeiro e que assim dá boas provas de seu aproveitamento e intelligencia, em uma obra que entrou nos dominios da Arte.

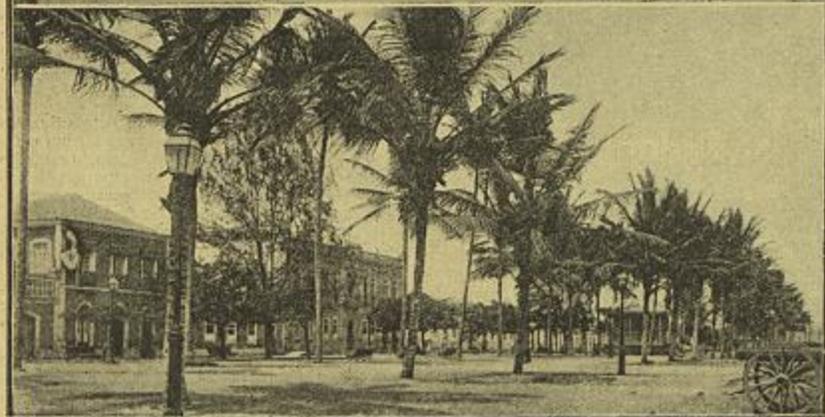
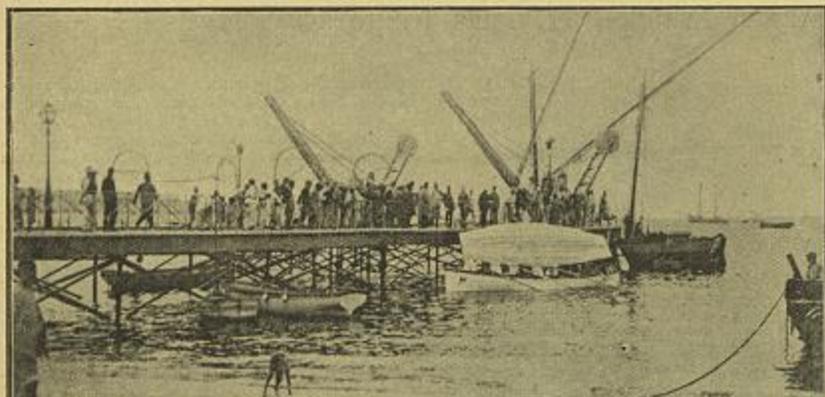
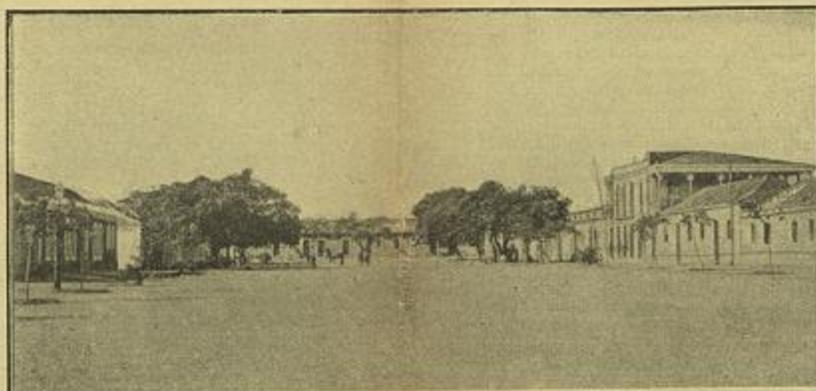
A Companhia ofereceu um banquete a Sua Alteza, no qual o sr. coronel Machado fez um entusiastico brinde exaltando as vantagens do caminho de ferro do Lobito, que tornará este porto o primeiro da Africa do Sul trazendo o maior engrandecimento a toda a provincia de Angola.

Devemos, entretanto notar que, segundo informações recebidas dali, o comercio do Lobito está, por assim dizer, monopolisado por estrangeiros, não havendo nenhum estabelecimento por-tuguês, isto devido á dificuldade que encontra toda e qualquer iniciativa nacional, ao passo que se facilita aos estranhos.

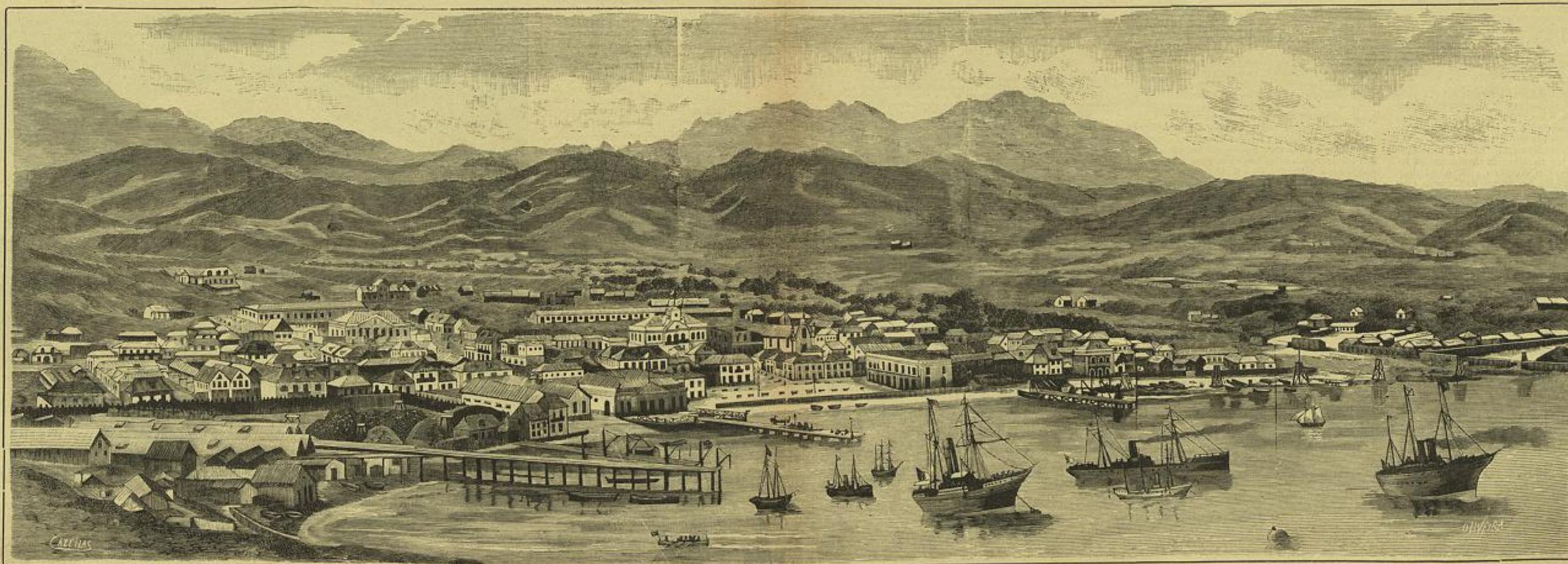
Sua Alteza deverá ter reconhecido este estado pouco lisongeiro para os portuguêses ali residentes, e de utilidade será para o districto de Benguela se a sua visita, concorrer para sanar este mal.

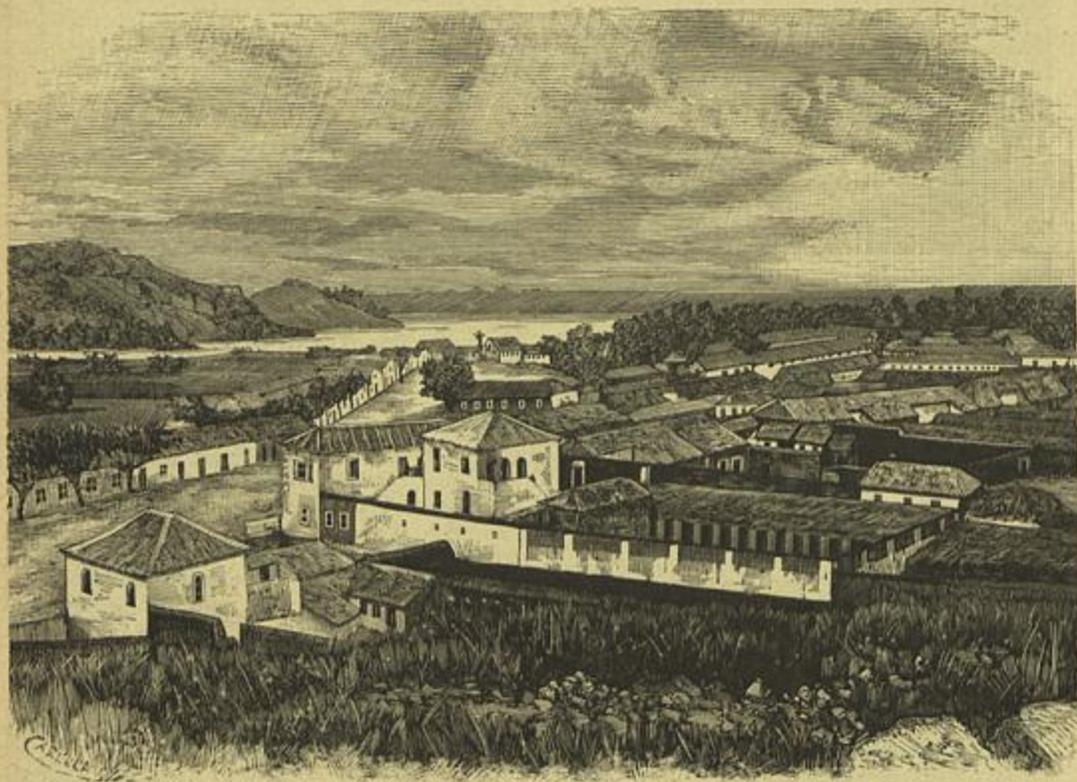
No regresso da visita ao Lobito passou Sua Alteza em Catumbela, onde se demorou para receber os cumprimentos das autoridades e lhe foram lidas mensagens pela Camara Municipal, Associa-

PLACA DE PRATA OFERECIDA A SUA ALTEZA O PRINCIPE D. LUIS FILIPE PELA COMPANHIA DO CAMINHO DE FERRO DO LOBITO
Obra de arte executada nos ateliers dos srs. Leitão & Irmão, de Lisboa
(De Fotografia)

Viagem de Sua Alteza o Principe D. Luiz Filipe, ás Colonias

MOSSAMEDES — Ponte de embarque — Avenida Praia do Bomfim

BENGUELA — Largo dos Doutores — Rua Paulo Cid

(Fotografias do sr. E. Osorio de Loanda)

CATUMBELA — Largo dos Desenganos — Negociadores de borracha

CABO VERDE — Panorama da cidade de Mindello, na Ilha de S. Vicente

Viagem de Sua Alteza o Principe D. Luis Filipe ás Colonias

Uma Vista de Catumbela
(De fotographia)

ção dos Empregados do Comercio e comissão de negociantes, a que se juntaram as vivas aclamações com que a população acolheu o herdeiro da corôa de Portugal.

Catumbela é povoação internada em uma planicie, na margem direita do rio de que recebe o nome, 12 kilometros distante da costa maritima. Demora a 12° 21′ de latitude Sul e 13° 27′ de longitude Este de Greenwich.

E' centro importante de comercio do interior, pois que ali afluem indigenas do Bihe, Muata Ianvo Quioco e Bailundo, com produtos agricolas, em que abunda a borracha.

Este comercio tem permitido o desenvolvimento da povoação, que hoje já desfruta as vantagens do caminho de ferro, da telegrafia elétrica e do telefone.

O Principe Real deixou Benguela no dia 9 do corrente, recebendo sempre as maiores manifestações de simpatia e de reconhecimento dos povos por sua visita, o que bem foi testemunhado no banquete de despedida que lhe ofereceram.

Seguindo no caminho de ferro para Loanda, chegou a Cossoala ás 10 horas da manhã do dia 10. Ali foram esperar o comboio real, o administrador do concelho e presidente da Camara, com as pessoas mais importantes da localidade e povo, havendo grandes demonstrações de regosijo. Outro tanto aconteceu na passagem do comboio em Cunga, onde o Principe foi muito vitoriado pelos abitantes.

Sua Alteza visitou as grandes propriedades agricolas do Bom Jesus, e assistiu a uma caçada aos cavalos marinhos.

Em Loanda foi recebido na estação do caminho de ferro, onde chegou ás 3 horas da tarde do dia 11, pelo bispo da diocese, governador, oficialidade de mar e terra, funcionarios civis, corpo do comercio e agricultura, que lhe fizeram entusiastica recepção.

Nessa noite foi oferecido a Sua Alteza um baile no Club Naval, que decorreu animadissimo até ás duas horas da madrugada, hora a que o Principe foi para bordo do *Africa* que se dirigiu a S Thomé, ponto de escala da viagem, de onde seguiu para a Praia e S. Vicente de Cabo Verde, ultima colonia visitada pelo Principe Real.

Na cidade da Praia e em S Vicente foi Sua Alteza recebido com todas as demonstrações de alegria por aquelles povos, e a recepção oficial revestiu todo o brilhantismo compativel com os recursos da provincia. As ruas de uma e outra cidade achavam-se ornamentadas em plena festa e era grande o entusiasmo publico.

Foi rapida a visita do Principe, em razão do atraso que trazia a viagem, para o *Africa* poder estar em Lisboa no dia 28.

Esta circunstancia não permetiu que Sua Alteza se detivesse visitando o grande arquipelago que os romanos e cartaginezes denominaram *Gorgonidas* e que está proximo do Cabo descoberto por Diniz Fernandes em 1443, o qual vendo-o todo coberto de frondosa e verdejante vegetação, lhe chamou Cabo Verde.

Este arquipelago compõe-se de dez ilhas e alguns ilheus, dividido em dois grupos: o do sul ou sotavento, formado pelas ilhas de S. Tiago, Fogo, Brava e Maio, e o do norte ou barlavento, contando as ilhas de Santo Antão, S. Nicolau, S. Vicente, Boavista, Sal e Santa Luzia

E' na ilha de S. Tiago a cidade da Praia capital da provincia de Cabo Verde, e a mais importante por seu comercio, mercê da grande produção agricola do distrito.

Magnificamente situada, proximo da linha do equador a sua cultura é variada e especialmente o café constitue uma das principaes.

Entratanto nem todas as ilhas de Cabo Verde gosam das mesmas vantagens naturaes e um dos contratempos que mais as prejudicam são as grandes sécas que a miude sofrem, para o que muito concorre a falta de arborisação, falta que ainda não foi possivel suprir quanto seria para desejar.

A cidade da Praia apresenta já importantes melhoramentos, mas de muitos mais ainda carece.

A ilha de S Vicente foi descoberta em 1465 e doada ao duque de Vizeu, mas só tres seculos depois, em 1781, foi mandada povoar assim como as mais ilhas desertas! Entretanto só em 1795 se tornou ef tiva a sua povoação, quando um proprietario da ilha do Fogo, João Carlos da Fonseca, para ali levou uns vinte casaes, sendo nomeado capitão-mór. Grandes foram os sacrificios deste benemerito português para povoar a ilha, mas não conseguiu mais que reunir algumas choupanas que constituiram a povoação que denominou de *D. Rodrigo*, a qual por 1820 estava quasi destruida e tinha apenas uns 120 abitantes.

Foi o visconde de Sá da Bandeira, sempre pugnando pelas colonias, que em 838 ordenou que se fundasse naquelle logar uma nova povoação com o titulo de Mindelo, em memoria do desembarque de D. Pedro IV na praia do Mindelo, no continente de Portugal.

S. Vicente ou cidade do Mindelo é hoje importante pelo seu porto de mar, que é ponto de escala de toda a navegação para a Africa e America do Sul, Asia e Ocíania pelo Cabo da Boa Eeperança, que toda lhe paga ali seu tributo, abastecendo se de carvão e de mantimentos, agua, etc.

A ilha de S. Vicente é naturalmente destinada para estação de passagem e descanço para os viajantes que crusam aquelle mar; para, isso porém, era preciso que a cidade do Mindelo oferecesse a esses viajantes comodidades que ainda não tem, apesar de estarmos no anno da graça de 1907, quando ha mais de meio seculo a navegação ali concorre sempre em progressivo aumento.

A despeito d'esta falta de iniciativa particular e incuria dos governos, a cidade tem progredido, mas muito lentamente, encontrando já quem lhe faça concorrencia, como por exemplo, o porto de Dakar a que nos referimos no capitulo IX desta viagem.

Se em S. Vicente se construissem docas para reparação de navios, como o governo francês teve o cuidado de construir em Dakar, se se realisassem todos os mais melhoramentos que a navegação hoje exige nos portos de mar, esta acudiria até de preferencia, em vista da magnifica situação do porto de S. Vicente.

O progresso havido na cidade de Mindelo é aquelle que se tem imposto pela força das circunstancias, que tem concorrido para aumentar a sua população, que em meados do seculo passado era de 1.400 abitantes e que hoje excede de 7.000.

O seu porto de 5 kilometros de bôca e cerca de 2 de fundo, é um belo ancoradouro para navios do mais alto bordo e que todos os dias o visitam abastecendo se de carvão.

E' este grande movimento que constitue a vida e comercio de S. Vicente, tanto mais desenvolvido quanto maiores forem as vantagens que proporcionar á navegação e aos passageiros, que constantemente ali passam.

Bom é que S. Alteza visse com seus olhos esta joia da corôa portuguêsa, não menos valiosa do que outras que póde apreciar na sua viagem ao nosso grande imperio colonial, e o quanto é possivel aumentar seu valor, desde que os governos atendam aos melhoramentos que esta e outras colonias reclamam, sob um plano bem estudado e orientado para resultados praticos.

Caetano Alberto.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XI

Sumario

Falam os deputados no congresso nacional — A oratória dos vintistas — Decide-se reformar o Colégio dos Nóbres — Opinião da comissão de fazenda de 1827 — As supostas rendas do colégio — Precárias condições desta instituição — E' abolido o Colégio dos Nóbres — Um projecto de lei do deputado por Lamego — A análise ao projecto por David Henriques — Desce á liça Alexandre Herculano defendendo a comissão de fazenda — Interessantissima discussão — O restabelecimento do colégio Pombalino — A historia da testamentaria do almirante de Castella — Onde se prova que nenhum dos três contendores tinha razão — Quemera D. João Thomás Henriques de Cabréra — Sua piedosa afeição á companhia de Jesus — Suas fabulosas riquezas — Projecta o almirante a fundação de um colégio de missões para o Oriente — Dificuldades do geral da provincia de Castella — Diplomacia epistolar de Casnedi, do geral e do almirante — Sua vinda para Portugal — O testamento definitivo — Põe D. João de Cabréra a sua espada ao serviço de Carlos III — Doença e morte do almirante — O escrupulo do padre Casnedi

A discussão da reforma do Colégio dos Nobres, no congresso nacional de 1823, foi agitada e sobremodo elucidativa do estado literario e financeiro daquelle estabelecimento de ensino. Por ali vieram a lume factos bastante curiosos.

Vejamos as diversas opiniões.

Soares Franco foi o primeiro que opinou pela reforma, alvitrando a criação de um liceu nacional.

Borges Carneiro, o eminente tribuno, mais violento e mais explicito, gritou ao congresso que o Colégio dos Nobres era um resto anacrónico do velho direito feudal; que era escandaloso o monopólio, que ali se fazia, de certas sciencias e que os nobres que quizessem aprender frequentassem as aulas onde iam os plebeus. Insurge se contra as aulas de dança, esgrima e musica, e contra o subsidio que o governo lhe dáva pela caixa do subsidio literario.

Moura, diz considerar o colégio como um odioso exclusivo e Pato Moniz julga inutil que o governo continue a subsidiar o colégio com 4 contos de réis annuaes visto elle ter de renda muito maior quantia (1).

(1) Cêrca de 20 contos de réis.

Serpa Pinto foi ainda mais longe, queria as rendas do colégio encorporádas nos bens nacionaes. O colégio, disse o orador, não pode continuar a ser património de ministros, e cita o caso de um estadista que tinha em sua casa e que chamava seus a alguns quadros pertencentes ao colégio.

Derramado, segue na mesma ordem de idéas e como Santos do Valle é contra o subsidio. Este insurge-se indignado contra varias e injustas irregularidades ali cometidas. Diz que até o mestre de dança do colégio é jubilado pela razão de ter ensinado a dançar as filhas do marquês de Bellas e termina acrescentando que as aulas deviam ser publicas (1).

Foi assim que os vintistas começaram flagelando a instituição pombalina. Finda a discussão o congresso decidiu que o colégio tal como estava era contra a constituição, que o pagamento aos professores devia saír das suas rendas e que se nomeasse uma comissão para estudar a sua reforma.

Foi o que se fez.

A seguir oficiou o secretario das côrtes, João Baptista Felgueiras, ao Ministro do Reino, Filipe Ferreira de Araujo e Castro, comunicando que fôra resolvido no congresso que o colégio informasse, pelo seu reitor, do estado financeiro em que se encontrava e sobre alguns abusos e irregularidades de que o acusavam.

Parece que não houve resposta, porque outro oficio expressamente laconico, datádo de 7 de março daquelle anno, solicita novamente essas informações (2).

Chegado o mês de junho e subindo ao poder, depois da villafrancáda, o ministerio do conde de Palmella, fez-se silencio sobre o caso e a nova camara, menos exaltada do que a primeira, deixou em paz o Colégio dos Nobres.

*

Em 1828 de novo se acendeu a guerrra.

A comissão de fazenda da camara electiva de 1827, resolvera que fosse suprimida a verba e extinto o colégio. Em sessão do parlamento de 26 de março assim o propoz. Respondeu o ministro do reino que o subsidio literário éra destinado á instrução publica e que o saldo dos rendimentos do colégio éra puramente nominal, não se podendo sustentar só com as rendas que tinha. A isto retorquiu a comissão que sendo aquellas compostas de juros reaes estava na mão do governo tornar esse saldo real, pagando, como devia, esses juros e desonerando assim o cofre do subsidio.

O estado financeiro do colégio era efetivamente lamentavel e tão complicadas andavam aquellas contas que nunca houve meio de se obterem informações precisas.

Em 26 de agosto de 1828 foram ellas mais uma vez solicitadas ao reitor pelo bispo de Viseu, que então se encontrava á frente dos estudos, e parece que sem o resultado que seria para desejar (3).

Tentava-se equilibrar o orçamento augmentando as quotas dos colegiaes e reduzindo o seu numero. De 100 pencionistas que os estatutos admitiam, passou-se a trinta por providencia de 10 de janeiro de 1815, sendo por aviso de 6 de setembro de 1828 admitidos mais seis, pagando 60$000 réis de excesso de pensão. Esta que era primitivamente de 100$000 réis e, em 1834, por portaria de 11 de julho, foi elevada a 150$000 réis.

A politica por seu turno ajudava tambem a complicar o estado precário do colégio, nomeando e demitindo professores e excluindo o pessoal serventuario, com o fundamento de ilegalidades havidas no regime anterior.

Em 1837, por exemplo, foram demitidos varios empregados por se tornarem desafétos á causa liberal. Os absolutistas faziam, pouco mais ou menos, a mesma coisa e quem sofria era o colégio que se ia desorganisando, adquirindo censôres, e chamando a atenção dos exaltados (4).

Outro meio ainda se tentou para fazer frente ao *deficit;* foi alugar a cêrca do edificio. A gazeta de 21 de março de 1829 annunciava esse aluguel.

(Continúa.)

G. DE MATOS SEQUEIRA.

(1) *Historia dos Estabelecimentos Scientificos, Literários e Artisticos em Portugal*, por José Silvéstre Ribeiro. Volume 3.º paginas 130 a 132.
(2) Idem, idem, paginas 132 a 133.
(3) Idem, vo ume 5.º, páginas 354.
(4) Idem, volume 6.º, paginas 25.

RUY FREIRE

(Episodio da guerra com os inglezes)

A prestimosa editora Livraria Moderna, em 1906, publicou a obra, cujo titulo e sub-titulo, encimam estas linhas.

O seu autôr, Eduardo de Noronha, já consagrado com plena lejitimidade na esféra honrosa da intelligencia produtora, ahi aviva com todo o colorido real dos factos historicos de primeira grandeza, a figura do heroico portuguez de quem o fallecido professor Antonio José Viale escreveu isto, em livro destinado á mocidade: «Ruy Freire d'Andrade, vencedor dos inglezes e hollandezes no mar Roxo.»

Num capitulo do seu formoso livro mostra-o Eduardo de Noronha como terror dos Mares.

Assim foi, com effeito, em especial no periodo que precedeu immediatamente a sua morte, ocorrida em setembro de 1633, achando-se então em Mascate.

E não só nacionaes falaram e falam dêle com respeitosa admiração.

Para amostra da opinião de estrangeiros vou transcrever a seguinte passagem de La Clede, vertida e citada por Almeida Araujo: «Tinha-se a fortuna declarado contra os portuguezes. Em todo o anno de 1622, e 1623 experimentaram elles muitas perdas consideraveis assim por terra, como por mar. Varias cidades importantes lhes foram tomadas, e numerosas frotas a pique, ou inteiramente arruinadas. A que partiu de Lisboa em 1624, capitaneada por Nuno Alvares Botelho, chegou felizmente a Goa. Emquanto elle descançava nesta cidade das fadigas que experimentára em todo o curso de tão longa e penosa navegação, cruzava Rui Freire d'Andrade com algumas fustas no golpho Persico. Homens ha que foram nascidos para serem felizes em tudo, que a fortuna, se assim se póde dizer, embraçada com o talento que os guia, não ousaria de desamparal-os. Não ha obstaculo que elles não vençam. A mesma desgraça para elles é caminho seguro para chegar ao cume da gloria. Era Rui Freire de Andrade um destes homens affortunados. Ao mesmo tempo que os portuguezes experimentavam por toda a parte os mais tristes revezes, elle aterrava e assombrava todo o golpho Persico. Tolhia a passagem dos mantimentos que vinham para os persas, que estavam em Ormuz; punha em fuga suas frótas, era causa dellas se perderem, embaraçava-lhes o commercio, e finalmente obrigal-os-hia a desamparar suas novas conquistas todas, se tivera forças iguaes ao seu valor, animo, e prudencia.»

«Por este tempo chegaram a Ormuz nove embarcações inglezas e hollandezas. Informado disso o vice-rei mandou logo armar uma frota para ir sobre ellas e nomeou por commandante que a capitaneasse, a Nuno Alvares Botelho. O qual fez-se á vela, tomou o rumo de Ormuz, foi assaltado de uma grande tempestade, e todavia encontrou-se com o inimigo. Houve rijo e furioso combate, que durou muito tempo. Nuno Alvares ficou ferido, e os hollandezes maltratadissimos. Os quaes ainda assim teriam triumphado, a não ser Rui Freire de Andrade, que cruzando os mares na mesma paragem, onde se dava o combate, e velejando a todo o panno chegou a tempo de reanimar os portuguezes...»

E' consolador vêr assim rejistada por penna que não é lusa, a justiça da verdade numa pagina de gloria para a patria portugueza.

A perola de Ormuz, conquista de Afonso de Albuquerque, fôra tomada pelas tropas de Abas I, o *Grande*, soberano da Persia, «auxiliado pelos inglezes» conforme se lê no notavel *Dictionnaire* de Bouillet; e, se a morte não tem salteado Ruy Freire, este não desceria ao tumulo com similhante espinha atravessada na garganta.

Eduardo de Noronha foi mestre no retrato que traçou do insigne soldado da India, nascido e fallecido dentro da época da usurpação castelhana.

Dez esplendidas gravuras enriquecem o volume, que abranje 313 paginas de texto.

Bem haja Eduardo de Noronha por mais este serviço patriotico, de grata recordação historica.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

NECROLOGIA

Eduardo Machado

Faleceu no dia 17 do corrente um artista notavel por seus trabalhos de cenografia, Eduardo Machado, que bem se póde classificar o primeiro cenografo português, nos ultimos tempos.

O publico de Lisboa, principalmente, teve occasião de apreciar seus trabalhos nos teatros da capital.

Para o teatro de D. Maria pintou entre outras peças: *João de Thomeray*, *Estrangeira*: Trindade: *Volta ao mundo*, *Grão Mogol*, *Noiva dos Girasoes*, *D. Juanita*, *Rei Carrapato*, *Sal e pimenta*, e *Em pratos limpos*; no Gymnasio: *Filha do mar*, *Sargento-mór de Villar*, e *Lisboa por um oculo*; nos Recreios: *Diamante vermelho*; na rua dos Condes: *Taberna*, *Judeu errante*, *Ruas de Lisboa*, *Bandeira do Regimento*, *93*, *Tutti li mundi*, *Espelho da Verdade*, *Revista de 1876*, *Tim tim por tim tim*, *Filhos do capitão Gran*, *Reino dos homens*, *Fim de seculo*; na Avenida: *O Panorama da India*.

EDUARDO MACHADO

Fóra da capital pintou muitas cenas para os teatros do Porto, onde era conhecidissimo. Pintou as decorações do Gymnasio, Coliseu dos Recreios, Real Coliseu, Circo Saraiva de Carvalho, da Figueira da Foz e D. Affonso, do Porto.

Eduardo Machado nasceu em Lisboa a 8 de maio de 1854 e desde creança revelou sua tendencia para a pintura, tendo cursado a Academia de Bellas Artes com rara destinção.

A cenografia, esse genero de pintura mais violento, foi o que mais tambem o seduzio e para isso recebeu lições do notavel cenografo Procopio, que teve seus dias de gloria no teatro da Trindade, passando depois Eduardo Machado para o teatro de S. Carlos, onde teve por mestres Rambois e Cinatti, os grandes cenografos de boa memoria, e com elles colaborou na pintura de algumas cenas, de peças como o *Macbeth*, *Roberto do diabo* e outras.

Eduardo Machado era principalmente um paisagista, e para isso basta ver o seu ultimo trabalho importante da *Viagem á India*, trabalho colossal que se exibiu no teatro da Avenida ha dois annos.

Cremos ser esta a sua ultima obra com que Eduardo Machado terminou sua vida de artista, vida trabalhosa em que por fim cahiu prostrado e morreu pobre.

Enviamos nossas condolencias a sua familia, e em especial a seu filho, o distinto arquiteto sr. Alvaro Machado.

Barão de Colaço e Macnamára

José Daniel Colaço, Barão de Colaço e Macnamára, que faleceu no 21 do corrente era um artista pelo coração e pelo talento, um diplomata dos mais distintos, e um português de boa tempera a quem a patria deveu importantes serviços, muito especialmente como consul geral e ministro de Portugal em Marrocos.

Nasceu José Daniel Colaço em Tanger a 25 de junho de 1831, filho de Jorge José Colaço, antigo consul geral de Portugal naquelle imperio, e de D. Maria das Dores Macnamára de origem dinamarquêsa.

Realisou os seus primeiros estudos em Cadiz, mas em 1845 veio para Lisboa matricular-se na Academia de Bellas Artes, por ter grande inclinação para o desenho e pintura, fazendo um curso brilhantissimo, com premios em todos os annos e ganhando por fim uma medalha de ouro pela

prova final *Sansão subjugando o Leão*. Foi um ótimo aguarelista e o OCCIDENTE, em tempos reproduziu algumas de suas aguarélas.

Cursou tambem a Escola Politequenica de Lisboa onde foi tambem alumno distintissimo.

A doença de seu irmão Jorge Colaço, que foi consul geral do nosso país em Marrocos, obrigou-o a ir para Tanger desempenhar as funcções de vice-consul, pois que este cargo, se póde dizer, andava vinculado em sua familia, que de seculos o vinha exercendo, e assim quando seu irmão faleceu, em 1858, foi elle então nomeado consul geral.

São importantes os serviços que prestou no desempenho desta comissão, mercê do prestigio que tinha naquele imperio, onde era altamente respeitado e atendido em todos os negocios diplomaticos, como o que melhor sabia conciliar os interesses do seu país com as dificuldades e embaraços, que os costumes e as leis marroquinas muita vez opunham ás suas pretenções.

Isto é tanto mais verdade que, em 1878 quando acompanhou a Lisboa uma embaixada do Sultão de Marrocos, que veio trazer presentes a El Rei D. Luis, Daniel Colaço, conseguiu dos supresteciosos marroquinos o retratarem-se na Fotografia Filon, para nos obsequiar com um exemplar que reproduzimos no OCCIDENTE. Este facto, que á primeira vista parece não ter maior importancia, é contudo de grande significação, pois prova a extraordinaria influencia que Daniel Colaço tinha nos marroquinos, para os levar a transigirem em pontos de religião que lhes proíbe expressamente o retratarem-se. Esta influencia lhe valeu em muitas questões que teve a resolver e que sem a sua intervenção se teriam complicado.

BARÃO DE COLAÇO E MACNAMARA

Em 1856, numa viagem que El-Rei D. Fernando fez a Marrocos, foi recebido em casa de Daniel Colaço o qual o acompanhou a visitar Tetuan, Ceuta e Gibraltar, fazendo a discrição desta viagem no *Archivo Popular*, que se publicava ao tempo, e depois em livro.

Em 1859, tendo falecido o sultão de Marrocos, houve receio de pertubações da ordem publica no imperio, pelo que o governo português resolveu mandar ali a corveta *Bartolomeu Dias*, para proteger os portuguêses residentes em Tanger. Daniel Colaço, que ao tempo estava em Lisboa, acompanhou a expedição a bordo daquelle navio que ia sob o commando do Infante D. Luis.

A presensa da *Bartolomeu Dias* nas aguas de Marrocos, foi o bastante para tudo se acalmar respeitosamente, influencia sem duvida da boa memoria que os marroquinos conservam do nome portugues e de que Daniel Colaço sabia tirar vantagem.

Em 1883 reconhecendo o nosso governo a necessidade de elevar a sua representação em Marrocos á categoria de legação, nomeou, com toda a justiça, Daniel Colaço ministro plenipotenciario de Portugal naquele imperio.

Era a recompensa de tantos serviços prestados por aquelle antigo funcionario, que tantas provas de capacidade tinha dado em sua longa carreira diplomatica e que continuou a dar no desempenho de tão elevada missão.

Alem do titulo noblearquico com que o governo o agraciou, varias condecorações portuguêsas e estrangeiras possuia o falecido. Daniel Colaço encontrava-se, por motivo de doença, ha tempo retirado do serviço ativo e residindo em Lisboa, em casa de seu filho Jorge Colaço, um artista tambem de grande merecimento, a quem enviamos nossas condolencias, de sincera amisade.

C. A.